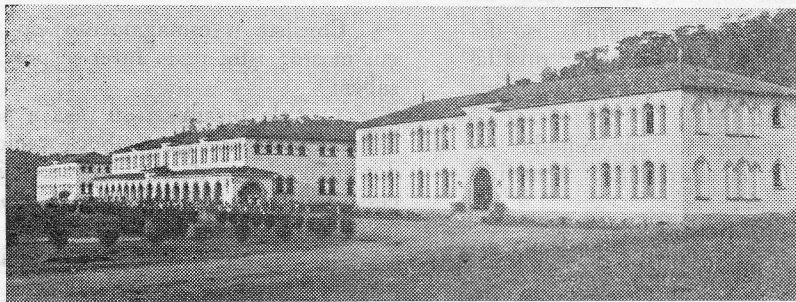


© CULTIVADOR

Diretor:

JOSÉ FARAH



Gerente: H. Rímolo

Secretário: J. R. Uchôa

Redator: M. Jacob

Órgão Informativo, Agrícola e Cultural dos Professores e Funcionários da Escola Agrotécnica do ESPÍRITO SANTO

ANO I

— São João de Petrópolis, 15 de Março de 1948

— N.º 2

REUNIÃO DE LAVRADORES

H. Rímolo

A Escola Agrotécnica do Espírito Santo, realiza no primeiro domingo de cada mês uma reunião de lavradores, com objetivo de ensinamentos agro-pecuários.

É um trabalho altamente patriótico no gênero, “e talvez o único que se faz no Brasil regularmente.”

Os frutos colhidos desta iniciativa têm sido os melhores possíveis. Os ensinamentos ministrados nestes certames estão aparecendo na prática com resultados satisfatórios.

Esta feliz iniciativa, é revestida de simplicidade, onde o lavrador pode sem constrangimento desabafar o que sente e o que necessita para prosseguir na sua árdua jornada de fazer a terra produzir, fornecer o necessário à vida do homem.

Desde o alvorecer do 1.º domingo de cada mês, a Escola parece estar em festa, pois de todos os recantos da terra teresense e de outros municípios começam a chegar os lavradores, ou melhor os soldados da produção.

Às 10 horas, o Diretor, com sua voz grossa anuncia: “Está na hora minha gente!” e por meio de apitos forma o povo em torno de si, dizendo a seguir: “Quem está interessado em aves segue o professor tal, em milho o professor tal” — e assim até a distribuição total dos lavradores.

Durante 2 horas, isto é, de 8 às 10, os agricultores ficam espalhados, pelos campos recolhendo as instruções bem em contacto com a Mãe Natureza.

Às 10 horas o sino anuncia o almoço, todos se reúnem e em fila se dirigem para o amplo refeitório onde são servidos pela melhor forma possível dentro de um ambiente agrícola.

Finda a refeição, todos palestram no pátio da Escola animadamente trocando idéias sobre as atividades de cada um, feitas no decorrer do mês.

É novamente o apito do Sr. Diretor que anuncia a continuação do trabalho.

É a hora da Assembléia geral. É o momento em que professores e lavradores se reúnem todos em um só local para discutirem os problemas a serem resolvidos. É um quadro maravilhoso. É uma concentração onde discute-se como fazer uma agricultura racional e produtiva.

Com esta reunião encerra-se o trabalho do dia, e os lavradores partem prometendo voltar para a outra reunião.

Finda-se assim um dia de atividades agrícolas, feitas no anonimato, mas de valor inestimável, que a história da Agricultura há de guardar em suas páginas como mais um marco edificado no soerguimento da lavoura capixaba.

SABÃO DA TERRA

Ernani Campinhos

Este é o sabão mais recomendado para o uso doméstico, não só pela boa qualidade de poder profilático, como pelo seu valor econômico e pela facilidade de fabricação, que é rápida.

Para sua confecção, podem ser aproveitadas todas as gorduras (sem sal), no entretanto, o melhor material é o sêbo.

A fórmula é a seguinte, em média:

— Gordura ou sêbo — 7 quilos

Brêu — 1 400 gramas.

Soda cáustica (1 lata) — 1 quilo

Derrete-se o sêbo juntamente com o brêu, de preferência, em vasilha de cobre ou barro.

Retira-se do fogo e junta-se a água de soda (lixívia). A lixívia, que não deve ultrapassar a 5 litros, será empregada morna, quase fria.

Depois leva-se ao fogo brando para dar ponto, mexendo-se sempre com uma pá de madeira, quando se obtiver uma pasta grossa, retira-se do fogo e deita-se em qualquer fôrma de madeira ou lata. Decorridas 24 horas o sabão já pode ser usado, mas como medida de economia, deve-se partir o sabão em pedaços pequenos e postos a secar em lugar ventilado e somente usá-lo depois de 15 dias.

PERGUNTAS E RESPOSTAS

“O CULTIVADOR”, terá grande satisfação em prestar informações e esclarecimentos aos lavradores e criadores espirito-santenses, dos quais espera, também, receber sugestões práticas para solução de problemas que lhes possam interessar direta ou indiretamente.

EXPEDIENTE

“O CULTIVADOR” é um órgão de divulgação quinzenal de ensinamentos e notícias sobre a Agricultura, Pecuária e Indústrias Rurais.

Destinado a atender as classes produtoras do Estado do Espírito Santo, constitui por assim dizer o traço de união que as liga à Escola Agrotécnica, “Espírito Santo”.

São seus colaboradores os professores e funcionários dessa Escola.

“O CULTIVADOR” aceitará com satisfação as consultas dos lavradores e de todas as pessoas interessadas no magno problema da produção.

CORRESPONDÊNCIA

Redação do “O CULTIVADOR”
Escola Agrotécnica
São João de Petrópolis
Estado do Espírito Santo.

PROCESSOS DE ESMAGAMENTO DA UVA

Por Max. De Cordes Cabêdo

Consiste o esmagamento em transformar a uva em mosto; isto, pode fazer-se por vários processos, a saber:

1) Pela pisadura, ou pisa a pés, operação demorada, anti-econômica embora racional quando tomados os cuidados de higiene necessários. — Este processo hoje está quase totalmente posto de parte em todos países vinícolas.

2) Pela esmagadeira de tipo simples para uso dos pequenos vinicultores; máquina de fácil manejo e que se pode adaptar à boca de pequenos recipientes como sejam cêlhas, pequenos barris, etc.; esta máquina é constituída por dois cilindros, com parafusos especiais que afastam ou aproximam, é a máquina mais aconselhável para o pequeno lavrador.

Entre esmagadeiras há vários tipos, os quais são aconselháveis para a elaboração em maior escala de grandes cantinas. São esmagadeiras — desengaçadeiras com ou sem centrífugas.

3) Pela prensagem, quer dizer por meio de prensas, que podem ser para as pequenas cantinas prensas comuns ou manuais e para as grandes, prensas hidráulicas, automáticas e as de trabalho descontinuo que são as movidas a motor.

Este processo de redução da uva a mosto, só é aconselhável quando se desejar obter mosto sem bagaço. Processo usado para os vinhos finos e ainda para os vinhos brancos cuja fermentação é feita separada do bagaço — (vinho de bica aberta como se diz em Portugal).

Outras máquinas existem resultantes de combinações conjuntas das já descritas, mas cujo uso não é tão generalizado e prático.

O lugar onde se deve colocar a máquina para esmagamento, dentro da cantina, é de importância primordial, pois ela se destina a receber as uvas que veem diretamente do parreiral ou vinhêdo, assim devemos localizá-la de forma tal, que possa com rapidez receber as uvas e esmagá-las para dentro do lugar ou recipiente, o mais rapidamente possível; tendo pois que atender ao transporte das uvas, e se estas podem ser entregues na cantina pelo lado de fora ou se é necessário entrar na mesma; no primeiro caso a esmagadeira deve estar perto de uma janela onde serão despejadas as uvas em tabuleiros apropriados, no segundo ao ter-se que entrar na cantina a máquina poderá ser colocada no lagar da maneira mais apropriada e segundo a disposição da cantina.

Devem pois todos os vinicultores pequenos e grandes melhorar as suas instalações equipando-as com material que lhes permita uma boa elaboração, rápida e com o mínimo de riscos para o vinho; além disso só possuindo boas instalações poderá o lavrador obter um bom produto e facilidade no registro e legalização da sua cantina — dizia o Dr. Guyot que “um vinho bem feito nunca adoce”; o asseio é pois, condição essencial para o fabrico do bom vinho.

A Escola Agrotécnica “Espírito Santo” promove todo primeiro domingo de cada mês, uma reunião com os lavradores.

EM TÔRNO DAS DOENÇAS DAS AVES

Isidro Zárate

Afim de corresponder ao interesse mostrado pelas pessoas que assistiram à aula de criação de aves no dia 7 do corrente mês, na Escola Agrotécnica, e tendo visto, pelas numerosas perguntas, que as doenças constituem um dos maiores problemas nas nossas criações, aproveito as colunas de "O CULTIVADOR", para fazer chegar aos interessandos algumas palavras sôbre o particular.

O caráter dêste escrito é abordar o tema sob o ponto de vista prático, aconselhando, apenas, as medidas gerais ao alcance da média dos nossos criadores, fornecendo, ao mesmo tempo, alguns tratamentos aconselhados pelas autoridades no assunto, tratamentos êsses escolhidos de acôrdo com as possibilidades dos nossos fazendeiros.

Em se tratando de doenças, há um velho e muito conhecido ditado que diz: "mais vale prevenir do que curar". Pois bem, nunca estas palavras encontraram uma aplicação melhor do que na criação de aves e vejamos porque. As aves são animais de pouco valor, principalmente quando consideramos o estado atual do nosso rebanho, de qualidade inferior, de baixa produção, consumindo mais do que produz. Nestas condições, se nós acrescentarmos o custo do tratamento às despesas que ocasionam os cuidados, os alimentos, etc., a avicultura iria ser uma atividade que dá prejuízos ao invés de lucro. No entanto, são numerosos os casos de sucesso dêsse importante ramo da Zootecnia especial, o que mostra que, quando nos encontrarmos ante um fracasso, há qualquer coisa errada nas nossas práticas.

Não devemos perder de vista, também, que o tratamento das doenças é trabalho e, o resultado, nem sempre é satisfatório. Além disso, os produtos de certa eficiência são caros e, o que é peor, são ainda muito pouco espalhados, não podendo se dispor deles no momento preciso, pela dificuldade de conseguí-los, principalmente nos lugares afastados das cidades, como é o caso geral das nossas fazendas. Dêsse modo, todo cuidado para se evitar as doenças deve ser pouco.

As medidas destinadas, se não a evitar, pelo menos a diminuir as doenças, devem começar a serem observadas desde a escôlha do lugar para a construção do galinheiro, de tal modo que êle fique bem batido pelo sol da manhã, preferivelmente; lugar bem seco e arejado, mas sem correntes de ar, a fim de evitar gôgos, corisa, etc.

Uma prática que pode ser usada por qualquer criador e que, no entanto não se faz, é colocar sob os poleiros das aves uma prancha de madeira e, se possível, de zinco, para facilitar a retirada das fezes, lavando a prancha com água e sabão ou com uma solução de creolina e água.

O que se deve evitar por todos os meios possíveis é o contato das aves com as fezes, principalmente quando se trata de animais novos; para isso pode se espalhar capim seco no chão, trocando-se freqüentemente e e desinfetando o piso, cada vez que se faz essa troca, com qualquer das substâncias já mencionadas ou com uma solução de soda cáustica na proporção de

100 gramas em 10 litros de água. Os comedouros e bebedouros devem ser limpos e feitos de tal modo que as aves não possam entrar neles. Se possível, criar os pintos separados dos adultos.

Os avicultores mais adiantados poderão usar a rotação dos cercados e queimar e enterrar os animais mortos, deixar as aves recém compradas num cercado separado, em observação, durante um certo tempo, antes de introduzir no rebanho, para ver se aparece alguma doença (é o que se chama de quarentena). Isto é muito importante, pois pode acontecer o caso dêsses animais vindos de fora trazerem alguma doença grave que não se nota a primeira vista, e que pode ser, mais tarde, causa de grandes perdas.

Entre as doenças mais comuns, nas nossas criações, podemos citar as seguintes:

BOUBA: — Conhecida também pelo nome de caroço ou pipoca é uma doença que causa grande mortandade entre os pintos, atacando também os adultos, mas êstes resistem melhor à infecção. Apresenta-se como pequenos caroços, de cor avermelhada, principalmente nas cristas, barbelas, cantos do bico, pálpebras, etc.

A melhor medida para se evitar a boubá é a vacinação dos pintos com 20 a 25 dias de idade. Esta vacinação deve ser feita todos os anos, no começo do verão, podendo se vacinar também as aves adultas.

O modo como se aplica a vacina é muito simples, arranca-se umas penas da coxa do animal e com o pincel que acompanha a vacina, previamente molhado no líquido, passa-se na parte depenada.

O meio mais fácil de que se dispõe nas fazendas, para o tratamento das aves já atacadas pela boubá, é a cauterização por meio de tintura de iôdo, podendo ser feita esta operação duas vezes ao dia, até o animal ficar bom.

Quando a boubá se apresenta sob forma de placas na mucosa (difteria), o tratamento pode ser feito arrancando essas placas, operação que pode ser feita por meio de uma pinça e cauterizar o lugar com glicerina iodada a 20%.

COCCIDIOSE — É outra doença que causa grande mortandade entre os pintos sendo a principal fonte de infecção as fezes, daí o nosso conselho para a limpeza e remoção das fezes, dos galinheiros.

O ataque desta doença é mais freqüente nas aves novas, principalmente desde a segunda semana até os dois meses de idade, mais ou menos. Os germens causadores da coccidiose são eliminados nas fezes das aves adultas portadoras. Por isso é que se recomenda a remoção das fezes e a desinfetação freqüente do local da criação, bem como outras medidas como a de não criar pintos com aves adultas nem em lugares onde já houve anteriormente criação recente. Os avicultores mais adiantados usam também, para evitar esta doença, as criadeiras com piso de tela.

O tratamento dos animais já atacados por esta doença nem sempre é eficiente, sendo o mais simples o uso do leite desnatado ou leite azedo misturado com a ração na proporção de 50%. Outro tratamento fácil é o de flor de enxofre de 2 a 5%, isto é, por cada

(Continua na página nº. 6)

ALIMENTAÇÃO DO GADO NA SÊCA

Francisco F. Andrade Neto

Feno — é toda a forragem, que, depois de ceifa-da, sofreu uma dessecação.

Fenação — é o ato de fazer feno. Consiste em diminuir o teor de água na planta.

Finalidade — alimentação do gado na sêca.

As plantas para fenação devem apresentar os seguintes caracteres:

- 1°.) Abundância de matéria.
- 2°.) Deve ser ereta e de fácil corte.
- 3°.) Deve ser de fácil aquisição de sementes.
- 4°.) Deve ser rústica.
- 5°.) Não perder as fôlhas com facilidade.

Plantas para fenação: Temos as gramíneas e as leguminosas.

Gramíneas: Capim gordura, Jaraguá, Rhods, etc.

Leguminosas: Alfafa, Mucuna, Soja, Marmelada de cavalo.

Época ideal para o corte:

Gramíneas — antes da floração.

Leguminosas — Quando estiver 1/3 em floração (no início da floração).

Ferramentas para o corte: alfanje, ferro torto, foice etc.

O corte deve ser feito bem baixo, mas no caso da planta estar muito sêca em baixo, deve-se fazer o corte mais em cima.

Cuidados na fenação: Deve-se virar o capim no mínimo três vezes por dia e à tardinha amontoar em pequenos montes, isto no primeiro dia; já no segundo e terceiro dia podem-se fazer montes maiores. Aconselha-se cortar o capim pela manhã quando êle estiver quasi enxuto do orvalho.

O capim está bom para ser recolhido para a formação de medas quando êle tem 12 a 17% de unidade, isto quando não está muito quebrável. Geralmente dois ou três dias de viras do capim já está bom para a formação da meda.

Formação da meda:

1°.) Traçar o círculo e fazer um rêgo em volta do mesmo.

2°.) No centro colocar uma vara para apoiar o capim.

3°.) Colocar o capim dentro do círculo em camadas ralas e fazer o pisoteio constantemente. As extremidades devem estar sempre mais altas do que no centro, para evitar que o capim caia e facilite a formação da meda.

4°.) Deve-se, quando preciso, acertar as extremidades com o garfo e se quiser aparar com a tesoura.

5°.) Quando chegar a altura desejada, deve-se dar a forma de cone, isto caso a forma dada a meda for cilíndrica.

6°.) Uma boa altura de uma meda é de 6 metros tendo 4 metros de diâmetro.

Formas de medas: Há diversas formas, sendo as mais comuns as cilíndricas e retangulares.

Conservação do feno: três são os métodos usados para êsse fim:

Em medas;

Em depósitos ou galpões;

Em fardos.

EXPOSIÇÃO DE SEMENTES

1°.) — A Seção de Fomento Agrícola, em cooperação com a Prefeitura Municipal de Colatina, inaugurarã no dia 30 de maio próximo a 1ª. Exposição de Milho do Município de Colatina.

2°.) — Qualquer lavrador pode concorrer à exposição desde que o milho seja de sua produção.

3°.) — Não há nenhuma despesa a fazer além da remessa dos lotes de milho.

4°.) — Cada lote consta de 10 (dez) espigas e o mesmo lavrador pode apresentar dois ou mais lotes si cada um fôr de variedade diferente como catete, cristal, amarelão, etc.

5°.) — Os lotes de milho devem ser remetidos para o Depósito de Máquinas Agrícolas até o dia 20 de maio sem falta.

6°.) — Cada espiga deve ser embrulhada separadamente e o lote encaixotado ou embrulhado corretamente.

7°.) — Dentro do embrulho deve vir um cartão com o nome do expositor e lugar onde tem a propriedade.

MODO DE ESCOLHER AS ESPIGAS

1°.) — No paiol, escolhe-es um ou mais balaies de espigas com palha, que tenham bom tamanho, nem pequenas nem grandes demais, com grossura boa e igual da base à ponta.

2°.) — Descascam-se as espigas com cuidado, para não cair nenhum grão, nem quebrar a ponta do sabugo.

3°.) — Escolhem-se as 30 ou 40 espigas mais iguais entre si, que sejam de grossura igual da base à ponta, mostrando pouco ou nenhum sabugo, carreiras certas e grãos do mesmo tamanho e firmes em qualquer parte.

4°.) — Dessas 30 ou 40 escolhem-se as dez melhores para a exposição.

São defeituosas as espigas que têm:

- a) — A ponta mais fina do que a base.
- b) — A ponta mal granada, ou grande demais.
- c) — Grãos de côres diferentes.
- d) — Carreiras tortas ou separadas.
- e) — Grãos carunchados.
- f) — Espigas faltando grãos.
- g) — A ponta cortada a canivete. (A ponta do sabugo não deve ser cortada).

JULGAMENTO

O julgamento será feito por uma comissão de técnicos designada pela Chefia da Seção de Fomento Agrícola.

Serão distribuídos numerosos e valiosos prêmios.

RAMIRO MONTEIRO DE SOUSA
Residente Agrícola

HENRIQUE COUTINHO
Prefeito Municipal

CANAAN

Transcrito do Correio da Manhã de 29/2/948

O automóvel rodou descendo rapidamente a colina em que se eleva o majestoso palácio do govêrno estadual, antigo convento dos jesuitas. No cais do pôrto um grande cargueiro inglês abarrotava-se de tábuas e de toras de jequitibá e peroba. No céu azul escampo, nem uma nuvem. As palmeiras imperiais farfalhavam dolentes à brisa fresca do sul. Ao meu lado, o dr. Napoleão Fontenele, secretário da Agricultura, fumava e dizia-me coisas do Espírito Santo.

— O Espírito Santo é um Estado interessantíssimo. Tomado em conjunto, é um torrão de ouro. A bacia do Rio Doce, uma das maiores e mais futuras do Brasil, montanhosa na parte superior, pertence a Minas Gerais, ondulada no trecho médio, acha-se nas proximidades do litoral, onde as florestas seculares, as florestas encontradas pelo navegante e fidalgo português Pedro Álvares Cabral, o descobridor das terras de Santa Cruz, vão caindo aos poucos para dar lugar a extensos cacauais. Já existem, às sombras das eritrinas e de outras grandes árvores, seis milhões de cacauzeiros, dos quais apenas uma fração modesta está produzindo. A safra de cacau pulou de uns vinte mil sacos a quarenta mil e talvez atinja os cento e vinte mil sacos dentro de dois ou três anos. E como as culturas se alargam nos solos fecundos de Linhares e São Mateus, como há uma verdadeira corrida para o "Theobroma cacao", pode-se afirmar que a safra terá alcançado os 250 mil a 300 mil sacos dentro de pouco mais de um lustro.

— São os cacauais mais afastados do Equador que se conhecem...

— Nem por isto, menos fecundos.

— Arbustos há que produzem anualmente mais de trinta quilos de frutos.

Além do sulco do Rio Doce, as terras se elevam de poucas centenas de metros, revestidas, ainda, em sua quase totalidade, de densa floresta virgem. É uma região fecundíssima, de possibilidades extraordinárias, onde não se sabe se mais admirar a fertilidade do solo ou a abundância de cachoeiras — energia hidrelétrica fartíssima em potencial — nos seus numerosos cursos d'água. O govêrno do Estado, agora amparado pelo Departamento Nacional de Estradas de Rodagem, está rasgando estradas na floresta virgem. Os colonos acorrem em grande número dos municípios montanhosos do sul, onde é vultosa a população de origem alemã e italiana, dos Estados vizinhos, das glebas distantes do nordeste brasileiro. É uma zona de pioneiros, de cidades e vilas improvisadas, onde os cafezais e milharais surgem dentre os troncos das árvores e da cinza das queimadas, as antas pesadonas espojam-se nos arrozais e as onças, nas clareiras, comem porcos domésticos e bezerros zebuinos. Os caminhões carregados de madeiras levantam poeira nas estradas. Colatina, na bôca do sertão, tem algo do "Far West". É, porém, um "Far West" sem tiros, sem desordens, com ruas calçadas e paralelepípedos, água encanada, luz elétrica, trens abarrotados de madeira e minérios de ferro, caminhões gemendo ao pêsso de sacos de café e milho, touros e novilhas de boa qualidade que cruzam as boiadas extraordinária-

mente gordas que buscam os matadouros litorâneos. Há apitos de fábricas. Há cooperativas de fazendeiros que se organizam e adquirem o material para as usinas de laticínios. Há os engenheiros que pensam em usinas siderúrgicas, os que projetam instalações hidrelétricas, os que constroem trechos da estrada de rodagem nacional que pelas florestas, culturas e pastarias litorâneas ligará, num futuro próximo, o Rio de Janeiro a Salvador.

— Uma nova Rio-Bahia. . .

— Certo. A primeira, que será ultimada êste ano, galpa o planalto, e vai por Petrópolis, Areal, Leopoldina, Governador Valadares e Cachoeira. A segunda, a litorânea, atravessará cacauais e cafezais, apanhando em cheio todo o território espirito-santense.

— E o sul da província? Já o sobrevoei várias vezes. Pareceu-me um caos de montanhas, rasgado cá e lá pelos vales de alguns rios.

— É mais ou menos isto. Terras altas e fecundas em seus trechos maiores. Montanhas que vão a bem mais de dois mil metros de altura, furadas pelos sulcos e vales do Itabapoana, Itapemirim, Jucu e outros. Grande quantidade de energia hidrelétrica em potencial. Só a bacia do Itabapoana pode fornecer mais de 160 mil cavalos de força. Os desníveis são numerosíssimos alguns com muitas dezenas de metros de altura. Nas terras baixas e quentes há canaviais, milharais e pastagens. Nas terras de altura média e clima temperado — 200 a 500 metros — cafezais, milharais, culturas de climas subtropicais. Nas terras frias, plantações, pessegueiros e vinhedos, caquiseiros, castanheiros europeus e ameixeiras, e restos de florestas de coníferas, das nossas belas e proveitosas araucárias.

— O Espírito Santo é assim, de fato, um torrão de ouro, uma canaan ampla, ultrapassando de muito o vale feliz que Graça Aranha habitou e descreveu. Muito já fez pelo Brasil. Mas, muito mais, pode fazer, quando colonizar o norte ainda quase totalmente virgem, reflorestar as terras pobres de algumas montanhas e de trechos do litoral, contiver a erosão que se nota em vários municípios, plantar novos cafezais, restaurar os antigos, fundar pomares numerosíssimos de fruteiras dos climas subtropicais e temperados, aproveitar a energia das cachoeiras, distribuir fábricas por toda parte, organizar e difundir o crédito agrícola a exemplo do que existe na Argentina e nos Estados Unidos, povoar suas terras com dezenas de milhares de bons colonos holandeses, italianos e alemães, continuando uma política iniciada em 1846 e que tem dado os mais promissores resultados.

Pimenta Gomes

A ESCOLA AGROTÉCNICA "ESPÍRITO SANTO"
 ATENDE ATRAVÉS DO SEU CORPO DOCENTE A
 TÔDAS AS CONSULTAS DOS LAVRADORES OU
 DE QUAISQUER PESSOAS EM ASSUNTOS
 AGRO-PECUÁRIOS.

EM TÔRNO DAS DOENÇAS ...

110 gramas de ração põe-se 2 a 5 gramas de enxofre em pó. Porém quando se usa enxofre é preciso que as aves tomem sol, para não se tornarem raquíticas. Pode-se usar o enxofre durante 8 dias.

Há tratamentos mais modernos da coccidiose com produtos que têm por base a sulfanilamida, com a sulfamerazina que é usada na proporção de 5 gramas em um litro de água durante 3 a 7 dias ou, então a sulfapirazina na proporção de 1 grama em um litro de água, durante 3 dias. Qualquer dessas substâncias pode ser usada na água dos bebedouros na dosagem indicada.

GÔGO — Também chamado de sororoca ou pigarra, é uma doença que se apresenta, nas aves atacadas, sob a forma de espirros forte ronqueira. O gôgo, mais freqüentemente é causado pelo resfriado, sendo, neste caso, o tratamento mais aconselhado, pingar na garganta do animal umas gotas de óleo mentolado, levando-o para um lugar seco e não exposto a correntes de ar.

Há caso em que a causa do gôgo é um verme que se localiza na traquéia do animal, em cujo caso, trata-se de singamose, e a medida a tomar é a mudança dos animais do cercado e tratá-los com ácido salicílico a 1% ou então infusão de alho, deixando cair umas gotas, apenas, na traquéia da ave doente.

(Continuará no próximo número)

MELHOR CAFÉ

Por iniciativa do Diretor da Escola, Dr. Lúcio Ramos, realizou-se dia 14 do corrente na Sala de Visitas da Escola uma reunião dos Comerciantes de Café do município de Santa Tereza e que contou com a presença de um regular número, inclusive a do snr. Prefeito Municipal e do dr. Enrico Ruschi.

Esta reunião teve por finalidade marcar o início de um trabalho patriótico e honesto em prol da melhoria do café de todo Município. Disse início porque na realidade novos horizontes surgem através o espírito dos homens de nosso vale para mostrar que podemos apresentar um produto a altura do valor de nossa terra.

Por proposta ainda do snr. Diretor, a Escola abrirá as suas portas todo 3º. Domingo de cada mês a fim de congregarem em seu seio todos os comerciantes de café para discutirem e assentarem as bases de um assunto digno de nosso apôio e de nossa admiração.

E assim, a nossa Escola, continua na sua marcha triunfal de trabalhar pela lavoura do Espírito Santo e do Brasil.

“O CULTIVADOR” felicitando o Dr. Lúcio Ramos por mais esta iniciativa, promete voltar ao assunto no próximo número.

SOCIAIS

Fizeram anos nesta quinzena:

Os alunos:

Heráclito Baptista Borges
Miracy Zon
Mancel Carlos Faria
Nelson Pinheiro de Sousa

Os meninos:

Olimir Rímolo
Ericsson Sessa Campinhos
Maria José Castro
Violeta Maria Castro

— Dia 15 do corrente mês, haverá uma reunião solene em nossa redação, com a finalidade de prestar uma justa homenagem ao Dr. José Farah, DD. Diretor desta fôlha.

Aluno vadio

José era um menino vadio.

Um dia seu professor mandou que fôsse ao quadro desenhar uma locomotiva.

O aluno como bom desenhista, imediatamente atendeu ao professor; foi ao quadro e desenhou.

Mas o professor custou a corrigir o seu desenho.

Então, José, apaga-o e espera pela vontade de seu mestre que logo depois pergunta pela sua obra.

Responde o aluno: — Senhor, a locomotiva foi desenhada na estação e como demorou a vê-la, o chefe deu o sinal de partida e ela se foi embora.

OBRIGADO

Ninguém talvez saiba da grande dificuldade que temos encontrado na impressão deste nosso jornalzinho.

Pois bem, não descreverei a nossa odisséia, já que ainda estamos no segundo número. Mas, quem sabe que ao completar o seu primeiro aniversário possamos escrever um romance com argumentos reais?!

Entretanto não esqueçamos os homens de boa vontade. Isso jamais. Daí, o título — Obrigado. Sim, obrigado “povo da Escola Técnica de Vitória” que numa demonstração de solidariedade tomou a responsabilidade de compor este número.

A todos que aí dentro trabalham e se preparam para vida prática, o nosso muito e muito obrigado.